

LEITURA LITERÁRIA NO ENSINO MÉDIO: INVESTIGANDO PRINCÍPIOS E PRÁTICAS

Mayra Lya Sanchez Romero; Inês Regina Waitz (orientadora). ANHANGUERA EDUCACIONAL – UNIFIAN/ Pirassununga.

Introdução

Se examinarmos os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ministério da Educação do Ensino Médio, PCNs/EM, no capítulo sobre Linguagens, Códigos e suas Tecnologias no Ensino Médio, a literatura deixa de existir, com a justificativa de corrigir o modo como a disciplina, na LDB nº 5.692/71, vinha dicotomizada em Língua e Literatura (com ênfase na literatura brasileira). O abandono dessa dicotomia são justificados por argumentos polêmicos:

O conceito de texto literário é discutível. Machado de Assis é literatura, Paulo Coelho não. Por quê? As explicações não fazem sentido para o aluno. Outra situação de sala de aula pode ser mencionada. Solicitamos que alunos separassem de um bloco de textos, que iam desde poemas de Pessoa e Drummond até contas de telefone e cartas de banco, textos literários e não-literários, de acordo como são definidos. Um dos grupos não fez qualquer separação. Questionados, os alunos responderam: ‘Todos são não-literários, porque servem apenas para fazer exercícios na escola.’ E Drummond? Responderam: ‘Drummond é literatura, porque vocês afirmam que é, eu não concordo. Acho ele um chato. Por que Zé Ramalho não é literatura? Ambos são poetas, não é verdade?’ (BRASIL, 2002)

O que se observa é a necessidade de resgatar os diferentes olhares de leitura de um texto. Não se deve ler um texto do século XVII com o mesmo olhar que se lê um do século XX. Não se pode ler Paulo Coelho com as mesmas intenções e olhares em que se lê Machado de Assis, o que não quer dizer que cada uma não terá o seu valor.

Dante desse quadro, pressupõe-se que a escola não está vencendo o desafio de promover o letramento e, dentre os vários fatores que contribuem para essa fragilidade, acredita-se que haja uma incompreensão do significado do ato de ler, que dissocia as atividades de leitura das práticas sociais comunicativas e acaba por resultar em atos de leitura produzidos no espaço escolar, não associados à vida cotidiana. Como defende alguns teóricos, a leitura começa na compreensão do contexto em que se vive ou na relação estabelecida:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.(FREIRE, 1982)

Ler significa ser questionado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, significa construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é. (FOUCAMBERT, 1994)

Mesmo com a ciência de que a formação de leitores é um processo complexo, que depende de fatores internos e externos, acreditamos que a escola deva favorecer o estímulo à leitura literária, e a leitura deva ser encarada como ato libertador, assegurando que perguntas e respostas pessoais passem a fazer parte do programa. Numa escola assim, a leitura seria um instrumento do processo de humanização, uma vez que construir sentidos significaria construir respostas pessoais para a edificação de um mundo humano, considerando nessa tarefa as idéias, os sonhos, os sentimentos e a imaginação do sujeito leitor em diálogo com outros homens.

Dante desse panorama, é nítida a relevância de se promover ações dentro do processo do ensino da leitura literária que faça sentido para os alunos. Por isso, João Wanderley Geraldi, Marisa Lajolo, Regina Zilberman e Lucília Romão nos servem de embasamento teórico e para ampliar a compreensão de como o jovem vê a leitura literária e quais as possíveis maneiras de estimulá-las de maneira efetiva no 1º Ano do Ensino Médio Público nos apoiamos nas observações de algumas aulas de literatura, focando as ações promovidas pelo professor e a recepção dos alunos dentro do processo, a fim de identificar quais são as metodologias capazes de promover interações significativas no sentido de promover leitores. Em um segundo momento, pretendemos criar e aplicar alguns planos de aulas com metodologias consideradas eficazes para o alcance dos objetivos.

Assim, ao delimitarmos como sujeitos da pesquisa alunos de duas classes do 1º Ano do Ensino Médio, objetivamos investigar os interesses desses alunos pelos textos literários; analisar algumas propostas metodológicas do trabalho literário em sala de aula; confrontar os resultados da observação com a teoria estudada e criar uma proposta de trabalho com alguns textos literários.

Até o presente momento, foi efetuada uma parte das leituras indicadas, algumas aulas de literatura foram assistidas para observar como é a recepção dos alunos aos textos literários e como essas aulas foram ministradas, quais foram os recursos e a aceitação. Dados que apresentaremos nesse trabalho.

A LEITURA LITERÁRIA: ALGUNS PRINCÍPIOS

O ato da leitura pressupõe uma interação entre leitor e texto. Isso significa considerar o mundo do leitor, como diz Maria Helena Martins (1985):

a leitura é uma experiência individual sem demarcações de limites, não depende somente da decifração de sinais gráficos, mas sim, de todo o contexto ligado à experiência de vida de cada ser, para que este possa relacionar seus conceitos prévios com o conteúdo do texto e, assim, construir o sentido. (p. 17)

Nesse sentido, compreender um texto implica ser capaz de apreender as intenções do autor, considerando as linhas e entrelinhas. Ao tratarmos de textos literários, diversificados e dotados de polissemia, a leitura só é possível se o leitor conseguir reconstruir o texto a partir de suas próprias experiências, lendo linhas e entrelinhas, interagindo com o texto e com o autor do texto e auxiliado, sempre que necessário, pelo professor que assume o compromisso de apresentar-lhe o texto.

Em uma escola, os mestres precisam e devem favorecer a formação de leitores, fazendo da leitura um ato libertador, mostrando-lhes que perguntas e respostas pessoais podem ser encontradas no texto, pois para formar um leitor interessado é preciso entender a leitura como sendo um momento de interação do “aluno” com o texto. Como diz Waitz (2006):

Para isso, o professor precisa saber “apresentar” as obras clássicas, dirigindo o olhar do passado para que se possa compreender o presente. O conteúdo histórico-memorialista deve ser negociado com os alunos e pode ser muito atraente para que se possa traçar a trajetória da humanidade. (p.65)

Isso quer dizer que: ou o texto dá um sentido à vida, ao mundo, ou ele acaba não tendo sentido nenhum.

Porém, não é bem essa concepção que encontramos na escola. Observamos muitas dificuldades no trabalho com textos literários no Ensino Médio, pois a maioria dos alunos não lêem e nem se interessam por leituras. Segundo Lajolo

(...) o desencontro da literatura – jovens que explode na escola parece mero sintoma de um desencontro maior, que nós – professores – também vivemos. Os alunos não lêem, nem nós; os alunos escrevem mal e nós também. (...) (1999, p. 16)

A LITERATURA NA ESCOLA: A PRÁTICA OBSERVADA

As aulas que envolvem a leitura literária no Ensino Médio vivem um impasse entre o distanciamento da realidade do aluno com a praticidade imposta pela presença de vestibulares. Sobretudo, acreditamos que cabe à escola articular este movimento, considerando todas as dificuldades inerentes a esse processo. Conforme salienta Mafra a escola precisa

(...) Dialogar criticamente com este momento, traçar contornos mais consistentes para nossa atuação no que se refere àquele cidadão – leitor – em – construção talvez seja um dos passos na tentativa de sair da posição de avestruz em que a escola tem se encontrado em relação à problemática da leitura. (1999, p.33)

Afinal, como cita Lajolo

É a literatura, como linguagem e como instituição, que se confiam os diferentes imaginários, as diferentes sensibilidades, valores e comportamentos através dos quais uma sociedade expressa e discute, simbolicamente, seus impasses, seus desejos, sua utopia. (1999, p.106),

Através das observações de aulas e dados coletados durante esse período concluímos, parcialmente, que os alunos sentem dificuldades de explicar o termo Literatura, não entendem muito bem a matéria e por isso não se interessam em descobrir o “mundo literário” durante as aulas.

Os alunos são conscientes de que é necessário ler, que com a leitura aprendem mais e conhecem outras coisas, outros “mundos”, mas consideram que a aula de literatura é chata, já trazem consigo um certo rótulo quanto aos livros literários e aos autores mais conhecidos entre a população. Assim, não se consideram leitores e as leituras realizadas ao longo da vida são feitas por dever, obrigação cobrada de alguma maneira.

E não é difícil compreender o posicionamento dos alunos frente às aulas de literatura, afinal, ao longo dos anos, os professores, de um modo geral, se acomodaram no tempo, esqueceram que os alunos do nosso século não são iguais aos alunos de um

tempo passado, e com isso, essas aulas não podem se resumir em explanação breve do conteúdo e a cobrança de tudo o que foi “estudado” através de questionários e/ou provas, de maneira que os alunos apresentam-se desestimulados e nunca conseguem alcançar o objetivo esperado pelo docente. É nítida a existência de algumas falhas na comunicação entre alunos e professores. Assim, docentes e discentes acabam se desgastando e com isso as aulas não atraem. Mesmo porque é praticamente impossível explicar algum conceito literário da mesma forma que o professor aprendeu com os seus mestres, afinal cada pessoa pensa de um jeito e tem capacidade de formar suas próprias opiniões, concordando ou discordando do que foi explicado/exposto.

Portanto, as aulas em que professores agem de maneira tradicional, onde alunos não podem interagir, apresentar opiniões; ou mesmo que precisem atender as expectativas respondendo questionários de uma forma fixa, fechada, objetiva não mais interessa esses jovens do novo século, os quais são conhecedores de seus direitos e exercem seus deveres de cidadãos.

Todavia, sabemos que para alcançar um objetivo específico dentro de qualquer disciplina não depende somente dos alunos, assim como também não é apenas responsabilidade dos professores: alunos e professores precisam estar em sintonia, para que os docentes possam encontrar recursos mais atrativos que despertem o interesse e o gosto em saber cada vez mais durante a troca que há entre ensinar e aprender. Afinal, os adolescentes passam a maior parte do seu dia na escola, lugar que são “obrigados” a freqüentar, então, porque não fazer essa obrigação se tornar um prazer?!

Através das análises feitas até então, vimos que a aula de literatura se centra no professor pedindo que os alunos resumam a matéria a ser estudada, contida no livro didático, e alunos reclamando que era muita coisa para fazer e que não conseguiram entender nada do que copiara. Outro ponto negativo encontrado nas observações foi que não há uma reflexão sobre o ato de ler, a natureza da leitura, mas as atividades que envolvem textos não deixaram de aparecer, professores continuam explicando conteúdos através de textos, usam textos belíssimos para explicar um simples conteúdo de gramática ou um mero acervo de palavras novas e esquecem de mostrar para seus alunos as belezas que podemos descobrir e vivenciar durante a leitura de um simples poema ou até mesmo de um texto enorme de autores consagrados.

Assim, alunos não podem compartilhar do gosto da leitura, do mundo fascinante que descobrimos entre as palavras e não podem expressar suas idéias e opiniões para que depois de todo esse processo possam refletir sobre o assunto, transportar para a realidade e formar suas próprias conclusões.

Sabemos também que o Brasil está vivendo um verdadeiro caos, reflexo de um país de contrastes, já que se fala tanto na importância da leitura e, ao mesmo tempo, não se apresenta bibliotecas para que a população possa freqüentar. E esse impasse

também está dentro das escolas, lugar considerado o mais indicado para ensinar os primeiros contatos com os livros, não tendo disponível uma biblioteca para que seus alunos possam iniciar no “mundo das letras”, no “mundo das descobertas”.

Portanto, infelizmente, mais uma vez, concluímos que os alunos encaram esse tipo de aula como obrigação, dever e não compartilham do brilhante mundo “escondido” entre as palavras literárias. E, que para ensinar qualquer coisa é preciso ser um conhecedor do assunto, assim, é um dever dos professores serem apaixonados pelo ofício escolhido, e que só através desse amor pelo seu trabalho é que será possível ensinar alguém a gostar daquilo que tentamos ensinar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que na educação encontramos variados caminhos de lidar com os saberes e os poderes que ele carrega consigo. O homem, que já foi o centro do universo hoje vive em constante conflito, na busca do equilíbrio, do sentido da vida, da realização de seus sonhos e projetos. Esse conflito se dá por não compreendermos que não há sentido pronto, que construímos os sentidos ao longo da vida. Nesse contexto, o trabalho com educação é responsável por auxiliar esse processo de formação do sujeito.

Pensando assim podemos admitir que a crise no sistema educativo advém da falta de identidade, interação, capacidade de resgatar os valores e de assumir uma ação transformadora consciente, características do ser humano. Condicionados à uma educação racionalista nos acostumamos a deixar os nossos sonhos entalados em nosso interior. Não podemos nos esquecer que a palavra educar deriva da raiz latina *educare*, que significa revelar o que está dentro, deixar florescer as habilidades e potencialidades. Assim, é preciso resgatar na educação o respeito ao ser e ao saber, para conseguirmos ter consciência do eu e a consciência do outro no mundo.

Nesse sentido, o trabalho com a literatura torna-se fundamental, pois é a arte da palavra e reflete sobre manifestações ficcionais que expressam os valores, a cultura e a identidade do contexto ao qual o homem pertence; pois faz pensar, promove visões sobre o mundo e sobre o indivíduo, cultiva emoções, representa verdadeiramente a identidade de um povo, enfim, pode contribuir na luta pelos direitos do homem, fomentando assim a idéia de uma sociedade mais justa e, portanto, mais humana.

Não podemos nos esquecer que junto aos grandes progressos tecnológicos e modernização nos deparamos com uma enorme “dezumanização” das pessoas, o que se reflete na falta de valores. Eis o grande desafio do nosso contexto: auxiliar os jovens na sociedade atual a resgatar os seus valores. E a literatura é um precioso instrumento de resgate, onde aprendemos a organizar as nossas emoções e ampliamos a nossa visão de mundo, ajudando-nos a tomar uma posição diante das questões sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa do Ensino Médio.** Brasília: MEC.SEF, 1998.
- GERALDI, João Wanderley. (org.). **O Texto na Sala de Aula.** São Paulo: Ática, 2003.
- FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Autores Associados, 1982.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da Leitura para a Leitura do Mundo.** São Paulo: Ática, 1999.
- MARTINS, Maria Helena. **Entrevista concedida em 5 de novembro de 2001.** In: www.ufpr.com.br, consultado em 27/06/2006.
- MAFRA, Núbia Delanne Ferraz. “Literatura dentro, fora e à revelia da escola”. In: **Leitura: teoria e prática.** Campinas: ALB, 1999.
- POSSENTI, Sírio. “A leitura errada existe”. **Leitura: teoria e prática.** Porto Alegre, nº 15, junho 1990, p. p.12-16.
- ROLLA, Angela da Rocha. “A leitura e o espaço do prazer: uma estudo sobre as práticas docentes.” In: **Leitura: teoria e prática.** Número 30. Campinas: ALB, 1997.
- ROMÃO, Lucília Maria Sousa e PACÍFICO, Soraya Maria Romano. **Era uma vez uma outra história.** São Paulo: DCL, 2006.
- SOUZA, Renata Junqueira de (org). **Caminhos para a formação do leitor.** São Paulo: DCL, 2004.
- SUASSUNA, Lívia. “Ariano Suassuna fala sobre leitura, escrita e ensino.” In: **Leitura: teoria e prática.** Nº 30. Campinas: ALB, 1997.
- WAITZ, Inês Regina. “O ensino da literatura e seu espaço de formação” In: **Revista de Educação.** N. 9, vol. IX, 143 (outubro 2006). Valinhos: AESA, 2006.
- ZILBERMAN, Regina. (org.). **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.